

artigo

# A ironia militante em Murilo Rubião

Herasmo Braga de Oliveira Brito – UFPI

1

## RESUMO

O presente artigo irá versar sobre a construção fantástica de Murilo Rubião sob a ótica do engajamento estético-fantástico através da ironia militante. Percebe-se que na construção dos seus contos o afrontamento com o contexto vigente de cerceamento de pensamento fora intenso e marcante. Desenvolveu-se a partir de então uma produção literária denunciante e colaboradora para o fim das repressões sociais e políticas do período da Ditadura Militar.

**Palavras-chave:** Literatura Engajada – Conto Fantástico – Ditadura – Ironia Militante – Sociedade.

## RESUMEN

Este artículo se centrará en la construcción fantástica de Murilo Rubião desde la perspectiva de compromiso estético-fantástico a través de la ironía militante. Podemos ver que en la construcción de sus cuentos un enfrentamiento intenso e constante con lo contexto de opresión de la libertad de expresión. Desarrolla desde entonces una colaboración literaria crítica y que colabora para el fin de la represión social y política de la época de la Dictadura Militar.

**Palabras-clave:** Literatura comprometida – Cuento fantástico - Dictadura - La ironía militante – Sociedad.

Dentre dos estudos literários, convivemos com algumas dificuldades em relação aos procedimentos de investigação. Uma das primeiras delas recai sobre a funcionalidade da literatura e, conseqüentemente, da sua crítica. Encarar a literatura como objeto de deleite é reduzi-la a uma subcondição que há vários séculos ela não se enquadra. Talvez este fato tenha ocorrido apenas durante o processo de consolidação da ascensão burguesa ao domínio político e econômico, já que, durante este momento, a literatura serviu de bandeira ideológica na adoção do modo burguês de viver.

Outra questão que merece ser ressaltada advém da importância social da literatura. Advertimos, no entanto, que ela não deve ser confundida com a possibilidade de se estudar os aspectos sociais através das obras, i.e, a produção literária ser uma mera descritora das sociedades e de pessoas. Afinal o aspecto ficcional do discurso literário não pode ser deixado de lado ou a literatura passar a ser encarada como um documento no sentido *estricto*. Cabe, então, ao exegeta analisar esse diálogo entre texto e o contexto sem cair em armadilhas analíticas sociais. Espera-se, portanto, da parte do analista, certa desenvoltura e solidez nas suas argumentações, para que a tênue relação entre a literatura e o social não seja desconsiderada.

Entre outras assertivas geradoras de polêmicas encontramos os reducionismos de conceitos. Reconhecemos que, em todos os campos do conhecimento humano, isso é uma constante; no entanto, no caso literário, essas variáveis não são aceitas abertamente. A crítica, por um longo tempo, preferiu respaldar-se num eruditismo sombrio com atitudes narcisistas a apostar na elucidação ou discussão de aspectos intrigantes que contribuíssem de maneira efetiva para uma reflexão social. Com esta atitude, desenvolveu-se uma postura de distanciamento entre o público leitor ordinário e um outro mais especializado.

Esse deslize acabou por criar e desenvolver uma idéia de que a alta literatura – tanto a sua produção como a sua leitura – se presta apenas aos iniciados. Assim, inúmeras obras e autores tornaram-se reféns de alguns “sacerdotes”; só agora, diante de um revisionismo crítico, percebemos as inúmeras injustiças por eles acometidas. Desenvolveu-se, a partir de então, a idéia de que o cânone é algo ruim, elitizado e discriminatório. Assim, a alta literatura passou a ser sinônimo de propagadora de ideais de exclusão e

marginalização e o seu sentido primeiro de servir como referencia de experiência de criação e de percepção do mundo e dos seus valores ficou secundarizada.

Voltando as formulações críticas, arriscamos dividir, de maneira sintética, o seu percurso em cinco momentos: o primeiro refere-se a centralização da análise na figura do autor. Ele era mais significativo para a crítica que acabou desempenhando um papel eminentemente biográfico. Em um segundo momento, o objeto de preocupação concentrava-se na obra com intuito de desmembrar suas características e o seu funcionamento, estabelecendo, assim, aspectos como a literariedade, qual gênero aquela produção estaria inserido e qual seria a sua funcionalidade. Após esse período das primeiras correntes, surge a junção do autor, da obra e do contexto social. Passa-se, então, a tentar compreender a obra através de um dialogo dialético entre os seus aspectos internos e externos. Logo a seguir, temos nos procedimentos de análise literário a soma do autor, da obra, do contexto e do leitor. Neste instante, o fator de receptividade será o agente condutor das investigações. Agora, mais recentemente, temos a presença destes elementos já mencionados acrescidos dos aspectos culturais-étnicos.

Diante desta rápida contextualização, advertimos, porém, que a distribuição, valorização e realização destes procedimentos analíticos não se deram especificamente num dado momento histórico, sendo superado no momento seguinte. Eles aconteceram e continuam sendo realizados de maneira simultânea nas produções críticas literárias até hoje. Não podemos, portanto, criar ações maniqueístas de juízo de que essa é melhor do que aquela e, sim, observamos, na simultaneidade de visões, que a obra literária apresenta diversas possibilidades interpretativas. A postura a ser mantida, então, é a de desconstruir qualquer discurso que torne a análise literária rígida.

Destacamos também que, além destas questões epistemológicas da crítica literária, temos de conviver não só com as marginalizações de autores e obras, mas também de concepções formuladoras do pensamento humano. Enfatizamos dentro desta linha de pensamento a desconsideração, iniciada por Aristóteles, que exaltou os aspectos referentes à tragédia e inferiorizou aquelas ligadas ao cômico e ao lírico. Sabemos que não devemos fazer juízo anacrônico do pensador, mas intencionamos destacar que, a partir deste

raciocínio, iniciou-se uma tradição crítico-literário de secundarização do lírico e do cômico. Esta tradição fora mantida até meados do que entendemos por modernidade, já que o aspecto lírico teve seu momento de reconhecimento a partir da vigência do romantismo. Aceita-se que foram os aspectos líricos que fundamentaram e idealizaram as produções não só literárias, mas também filosóficas e políticas, como bem assinalou Schiller na obra *Educação estética do homem*. Exemplo que atesta esta assertiva encontra-se no romantismo alemão, que alguns acreditam que deu substância às lutas sociais que estavam sendo demarcadas no continente europeu em busca de igualdades de condições.

Já no tocante ao cômico, ele permaneceu sendo esquecido. Poucos sujeitos se debruçaram em seus estudos e sistematização. Só a partir de Bérngson, no século XIX ,é que se passou a estudar o riso de maneira séria e sistematizada. Depois dele, outros pensadores deram continuidade a sua idéia com Vladimir Propp. Eles analisaram o poder subversivo do riso. A sua força política de atuação. No momento burlesco é que acontece o fortalecimento das zonas de instabilidade e as fissuras ideológicas são expostas. Assim, esses são os dois maiores expoentes sobre a questão do riso. Mesmo com as grandes contribuições destes e outros sujeitos nas questões referentes ao riso, isso é muito pouco diante da importância social e literária que o riso advoga.

A literatura fantástica passou por esse mesmo processo de desconsideração. Ela foi considerada, inicialmente, como uma produção sem sentido e de pouca envergadura para uma investigação crítica. O fantástico estava ligeiramente associado apenas ao sobrenatural e isso não trazia nenhuma notoriedade que inquiete para uma leitura verticalizada de obras que contemplam essa abordagem. No entanto, durante alguns períodos da história marcados pela censura e ausência total de liberdade, a literatura fantástica serviu, como no caso brasileiro, como um importante instrumento de resistência. As obras de autores como Murilo Rubião e J.J. Veiga passaram a ser focos de estudos para o entendimento do contexto histórico-literário brasileiro durante as décadas de 60 e 70. Assim, o propósito deste ensaio é estudar os aspectos de uma ironia militante na obra do fantástico de Murilo Rubião como reveladora de uma literatura engajada.

Observamos que a história política do Brasil oscila muito entre regimes totalitários, pseudodemocráticos, monárquicos, republicanismo civil ou militar. A experiência democrática, vivenciada e exaltada nos dias de hoje, não constituiu como fruto somente de um processo de amadurecimento política da nação e do seu povo. Contribuiu para esta conquista o desejo de inúmeros anônimos que ao longo da nossa história buscaram construir uma nação mais justa e igualitária. Várias foram os levantes seguidos de derrotas e vitórias de um povo marcado historicamente pela forte exploração; seja dos seus primeiros anos de colônia, seja através dos atuais gestores políticos.

Diante de tudo isso, o Brasil se constitui como uma nação instável, nas questões sociais. Mas foi durante um dos períodos da nossa história mais violento e covarde que se deu a entrega, progressiva, de uma nação em prol da sua liberdade. O período dos militares na administração brasileira, experimentado durante a fundação da república nos seus primeiros momentos, alcançou o seu apogeu durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Várias foram as atrocidades implementadas e realizadas, desde de prisões aleatórias, cesuras prévias até assassinatos, mas o desejo de liberdade não silenciara. A luta engajada se refletiu em inúmeros movimentos desde de uma tentativa de luta armada- guerrilha do Araguaia, protestos dos estudantes - como da UNE, seqüestro de embaixadores, festivais musicais – com trechos das letras marcadas por um forte conteúdo político tipo: “é proibido proibir...”, “Pai, afasta de mim este cálice...”. No campo das letras não poderia ser diferente. E é sob este encontro entre o aspecto engajador e literário que iremos nos debruçar.

A literatura é encarada por muitos como algo apenas de entreterimento, desprovido de qualquer ação social. Assim pensam não só alguns leitores como também alguns críticos. Mas já algum tempo esta análise apenas formal do objeto literário caiu por terra. Hoje, o texto ficcional, guardando suas devidas proporcionalidades, contribui de forma bastante elucidativa para a compreensão de aspectos históricos e sociais de determinados períodos, exemplo foi durante a vigência do período repressor na história político-social brasileira - 64 a 85 - em que o regime atuava de forma implacável na tentativa de coibir qualquer manifestação contra a ordem estabelecida. Tivemos então a produção literária deste período classificada da seguinte maneira segundo Silvano Santiago:

(...) a instauração do regime militar em 64 é responsável pelo nascimento de duas francas tendências da ficção brasileira durante os anos 60 e 70: por um lado, o (re)ajustamento a princípios do romance de 30 através do romance-reportagem e, por outro, a aproximação da ficção hispanoamericana e o distanciamento do naturalismo, nascendo assim uma “escrita metafórica ou fantástica até então praticamente inédita entre nós”.(1988, p. 12)

Além destas duas tendências, acrescentamos ainda as de fundo memorialista, como as de Pedro Nava e as de conteúdo panfletária, como algumas provindas da literatura marginal. Mediante a estas produções, temos inúmeros exemplos das relações existentes entre os campos, não só o literário e o social, mas o estético e o momento histórico. Cada uma delas atuou, a sua maneira, contra o poder hegemônico da época, i.e, cada uma organizou, como nos lembra Certeau, as suas táticas minadoras do regime. Esta atuação estético-engajada acabou provocando um deslocamento do discurso, como assinala Giles Deleuze, já que uma boa parte das obras deste período não descolaram o estético do ideológico.

Um exemplo que bem atesta a nossa tese são as produções tidas como fantásticas. No início da sua implementação efetivada durante as décadas de 40 e 50 do século XX no Brasil, elas sofreram inúmeras críticas, já que trabalhavam com aspectos inverossímeis, algo que se descolava da nossa tradição verossímil realista-naturalista. Mas foi durante a vigência do período político-fechado que ela teve seu reconhecimento, devido à percepção obtida, durante a época; da sua força transgressora, pois ela denunciava e alimentava de esperanças inúmeros leitores, sem que sobre ela pairasse a censura, produzindo um discurso contra-hegemônico. Nesta atuação, muitos perceberam que “a literatura não é inocente. A sua culpa é de forjar realidades. O mundo forjado é vivido pelos personagens como se real fosse. Em cada conto, uma comunidade de seres condenados a viverem uma farsa” (BARROS, 2001, p. 13). Nessa realização fantástica de produção de ironia militante, a literatura rompe o silêncio imposto socio-historicamente e potencializa as ações discursivas, expandindo os horizontes e o desejo de liberdade. Assim, diante da sua “inocência” a literatura vai ganhando espaço e preenchendo espaços como água até que se comprometesse o terreno para então: ruir. Portanto, diante de sua força transgressora com aspectos de inocência que escritores como Murilo Rubião e J. J Veiga contribuíram para a

construção de uma nação pelo menos livre, já que justa ainda haverá de sermos.

Para melhor discutirmos alguns pontos elucidadores destas obras empenhadas na resolução de questões sociais o presente ensaio pretende levantar a tese da construção estético-imaginária de uma literatura maravilhosa sob uma ótica da ironia militante na obra de Murilo Rubião. Afirmamos, inicialmente, que não se trata de uma produção alegórica como assegura Hermegenildo Bastos (2003), pois para se caracterizar enquanto tal ela deveria apresentar os seguintes aspectos básicos:

i uma proposição de “duplo sentido, mas cujo sentido próprio (ou literal) se apagou inteiramente” (TODOROV, 1975, p.69).

ii ... este discurso com duplo sentido mencionado no texto é indicado de forma explícita, não dependendo da interpretação de um leitor qualquer, já que a sua produção nasce com esta prerrogativa crítica direcionada de forma “objetiva” para determinado alvo. (TODOROV, 1975, p. 69).

No nosso entender, a produção de Murilo Rubião foge deste parâmetro alegórico, pois a interpretação não tem um referencial definido, possibilitando, assim, inúmeras interpretações sob diversos ângulos e perspectivas.

O gênero conto adotado por Murilo Rubião na sua empreitada literária “constitui um dos que mais se adequaram às exigências da era moderna. Trata-se de uma narrativa que acompanhou a evolução da imprensa e das publicações periódicas” (FÁBIO LUCAS, 1982, p. 105). Grosso modo, podemos dizer que o conto origina-se de várias formas de narrativas domésticas como a fábula, a anedota, o caso, o provérbio, os enredos curtos de tom libertino (FÁBIO LUCAS, 1982, p. 106). Poe afirmava que o conto constituía-se como uma trama premeditada, uma anedota em que a cena final governaria o andamento de todo o relato e assim, o efeito almejado seria do “*Single effect*” e “*Preconceived effect*”, ou seja, a busca de um só efeito concebido (FÁBIO LUCAS, 1982, p. 108). Murilo Rubião valia-se tanto desta prerrogativa que acabou tornando sua produção literária considerada pequena, com apenas 33 contos, já que durante um bom tempo ele rebuscava as suas construções no desejo do efeito concebido. Observamos, então, que diante desta mistura textual, o conto utilizado por

Murilo Rubião permitiu a ele o jogo da multiplicidade de verossimilhanças, i.e, Rubião tornou suas temáticas aparentemente inverossímeis em algo carregado de significação histórica, já que observamos que em seus contos fantásticos, principalmente nas revisões por ele empreendida durante este período cinza da história brasileira, a adoção de uma **postura tática** para construir mais uma das vozes contrária ao cerceamento da liberdade.

No fantástico, o inverossímil é apenas aparente (...). O fantástico recusa a verossimilhança de primeiro grau, ou seja, a explicação do enigma (...). Cada explicação que se apresenta para os acontecimentos pede nova explicação. As explicações para os acontecimentos pede nova explicação. As explicações multiplicam sem jamais conduzir a uma explicação final. (Bellem- Noel apud Bastos, 2001, p. 50).

Assim, essa força imaginativo-fantástica que constitui uma fina ironia militante caracteriza o ataque em literatura, segundo Northrop Frye (1989), que define a ironia militante sendo um elemento estético coerente com o propósito ao qual se destina e permite a manutenção do tom fantasioso e hipotético. Portanto, mediante uma leitura seletiva dos seus textos, percebemos a presença da ironia militante sob alguns deles de modo marcante, fundamentando a sua construção estético-engajadora-imaginária. Ratificamos, então, que Murilo Rubião utilizou-se de táticas para o desenvolvimento de um texto com um olhar estético–engajador–imaginário. Para efeito de análise selecionamos o conto **Alfredo**, colhido na obra *A Casa do Girassol Vermelho e outros contos*. De forma sucinta, o enredo desenvolve-se sobre a relação familiar vivenciado pelos três personagens - o narrador, Alfredo e Joaquina, diante do temor da cidade sobre alguns ruídos existentes em grande área verde. O narrador, cético, resolveu desvendar o motivo que provocava aquele barulho que aterrorizava a população. “Esperei, pó algum tempo, que a fera abandonasse o seu refúgio e viesse ao nosso encontro. Como tardasse, saí à sua procura, ignorando os protestos de minha esposa e as ameaças de romper definitivamente comigo, caso eu persistisse nos meus propósitos” (RUBIÃO, 2006, p. 20-1).

Na tentativa de desvendar o mistério, eis que é surpreendido por um lobo que bebia água:



“Parou de gemer e fitou-me com indisfarçável curiosidade. Em seguida sem tirar o chapéu, murmurou:

- Bebo água.

A frase pronunciada com dificuldade, numa voz cansada, cheia de tédio, desvendou-me o sentido da mensagem.

Na minha frente estava o meu irmão Alfredo...” (RUBIÃO, 2006, p. 21-2).

Observamos neste conto como foi desenvolvido e construído o projeto estético-engajado-imaginário de Murilo Rubião, pois temos a presença de elementos textuais que expressam o tom de denuncia sem cair na armadilha do discurso rasteiro, propagandista e ideológico, comum na época. Murilo utiliza-se da sutileza e da força imaginária para ludibriar os mecanismos de cesura do período, sem deixar de delatar os abusos cometidos pelos militares contra a sociedade civil da qual discordava do regime imposto: “Silencioso, eu refletia. Procurava desvendar a origem dos ruídos. Neles vinham uma **mensagem opressiva**, uma **dor de carnes crivadas por agulhas**” (RUBIÃO, 2006, p. 21). Destacamos nesta mensagem a denúncia da tortura ao se referir à dor de carnes crivadas por agulhas. Mais uma vez a provocação ao contexto social acontece. Em outro momento do texto, “Joaquina **deu-lhe um tapa no rosto**, enquanto ele, **humilhado**, abaixava a cabeça” (RUBIÃO, 2006, p. 22). Essa atitude era comum ser realizado pelos comandados do regime militar que viam a violência e a humilhação como atividades normais junto aos 'baderneiros'.

Assim, a tortura praticada nos porões e prédios militares durante o regime militar, quando não provocava a morte das vítimas, acabava deixando seqüelas por toda a existência do indivíduo. Marcas estas que não eram apenas físicas, mas principalmente psicológicas, causando no indivíduo a perda de referências importantes na vida de qualquer sujeito como o conhecimento do seu passado, no qual ele procura diante de toda a confusão mental, reconstruir diante dos fragmentos dispersos e de algumas peças perdidas para sempre, busca redesenhá-lo, de forma angustiada, como exemplifica a seguinte passagem: “A **fome** e o **cansaço me oprimiam**: todavia, não pude evitar que o **meu passado de desenrolasse, penoso**, diante de mim. Veio **recortado, brutal**”. (RUBIÃO, 2006, p. 23). Estas

construções e passagens no enredo do conto ratificam a tese do engajamento-estético-literário fantástico, pois o diálogo com o contexto histórico-social que o Brasil passava nos orienta para este sentido. Devemos, portanto, analisar a literatura como um projeto não só de desenvolvimento estético com finalidade única, mas um instrumento de participação e realização do homem e o seu meio.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Hermenegildo José. *Literatura e colonialismo: rotas de navegação e comércio no fantástico de Murilo Rubião*. – Brasília: Editora UnB, 2001.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. 4<sup>o</sup> edição. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2000.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo. Ed. Cultrix, 1989.

SANTIAGO, Silvano. *Vale quanto pesa*. Editora Contexto. São Paulo, 1988.



## **dEsEnrEdoS**

ano I - **número dois**  
setembro outubro 2009  
**ISSN** 2175 3903

### **editores**

Adriano Lobão Aragão  
Wanderson Lima

### **design e programação visual**

Adriano Lobão Aragão

### **conselho editorial**

Adriano Lobão Aragão  
Alfredo Werney Lima Torres  
Carlange Lobão de Castro  
Cleber Ranieri Ribas de Almeida  
Herasmo Braga de Oliveira Brito  
José Wanderson Lima Torres  
Newton de Oliveira Lima  
Roselany de Holanda Duarte  
Sebastião Edson Macedo

### **imagem desta edição**

Gabriel Archanjo

### **contatos**

lobaoaragao@gmail.com  
wandersonortorres@hotmail.com

As opiniões, fundamentações teóricas e adequação vocabular são de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

### **galeria**

Gabriel Archanjo

### **entrevista**

Luiz Costa Lima

### **poesia**

Alfredo Fressia / Demétrios Galvão  
Florianos Martins / Manoel Ricardo de Lima  
Rodrigo Petronio / Virginia Boechat

### **prosa de ficção**

Bruno Medina / Cícero Burity  
Wellington Soares / Zuenir Ventura

### **tradução**

Ezra Pound, por Dirceu Villa  
Lee Harwood, por Sebastião Edson Macedo  
Konstantino Kavafi, por Sebastião Edson Macedo  
Santa Teresa d'Ávila, por Wanderson Lima

### **ensaio**

Alexandre Matias – Cultura do Remix  
Camilo Rocha – Pra que serve um crítico musical  
Cláudia Lage – As pessoas, os escritores  
Daniel Piza – Existe público, sim  
Florianos Martins – A poesia de José Santiago Naud  
José Saramago – Uma certa inocência  
Maiara Gouveia – Do limite, o salto  
Miguel Sanches Neto – Herói primitivo  
Nelson Pereira dos Santos – O que aprendi

Paulo Nassar – O (en)canto dos blogs  
Ruy Castro – Chico Buarque falou por nós

### **bloco de notas**

Adriano Lobão Aragão / Wanderson Lima

### **resenha**

Alexandre Marques – Charles Taylor e a genealogia da espiritualidade moderna

### **Artigo científico**

Articulação entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de "Retrato em Preto e Branco" - Alfredo Werney  
A paixão do clérigo Frollo como fator determinante para a violência: um estudo comparativo entre o livro O corcunda de Notre-Dame e o filme de William Dieterle - Antonia Pereira de Souza  
Juventude e fanzine: a cartografia de uma prática subversiva - Demétrios Galvão  
**A ironia militante de Murilo Rubião - Herasmo Braga de Oliveira Brito**  
Há uma primavera em cada vida - a fugacidade do tempo em Florbela Espanca - Lígia Mychelle de Melo Silva  
Gustav Radbruch e a fundamentação de uma teoria racionalista dos direitos humanos - Newton de Oliveira Lima  
Nietzsche e Weber: diálogos entre o cientista e o legislador - Ranieri Ribas  
O slogan: persuasão e fim da experiência - Roselany Duarte